

# 432 "O Delfim"

NOGUEIRA MOUTINHO

lançamento de "O Delfim", de José Cardoso Pires (Editora Civilização Brasileira, Rio, 1971) introduz à convivência do leitor brasileiro um dos primeiros nomes da literatura portuguesa contemporânea. A importância do romance pode ser avaliada pela produção de alguns dados editoriais: publicado em Lisboa em 1968, encontra-se na quarta edição, simultaneamente traduzida na França, na Alemanha e na Espanha, que significa o rompimento definitivo do domínio vernáculo. Naturalmente desconhecido no Brasil, a comunidade linguística paradoxalmente não tem sido uma mediadora favorável entre os dois países, Cardoso Pires inicia um reatamento de relações literárias que só pode ser bilateralmente estimulante e fecundo.

Uma Augusta Bessa-Luis, um Fernando Namora, um Urbano Tavares Rodrigues, um Jorge Reis, um Alves Redol, um Aguilão Ferreira, nomes que formam ao lado de seu a brilhante constelação ficcional portuguesa de hoje, são autores que enriquecem e alargam a nossa visão do mundo, através de um veículo privilegiado que é a linguagem literária. Até há pouco tempo desconhecidos de todo a literatura que se criava em todo o continente nos países de fala espanhola. Borges, Cortazar, Vargas Llosa, Garcia Marquez, Lezama Lima, Bioy Casares, etc., eram escritores marginalizados em todo o canon novelístico. Só recentemente, graças a traduções, a estudos universitários, e concessão a Borges do maior premio literario continental, criado pelo governo de São Paulo, escaparam esses escritores do limbo de sombra em que permaneciam, ignorados do público leitor de alto nível. O tempo, esperamos, sucederá agora à outra grande literatura que nos é tão afim quanto desconhecida: a que se escreve em nossa língua, na outra margem do Atlantico.

Nascido em 1925, professor de literatura portuguesa no "King's College" de Londres, Cardoso Pires é autor de dois romances, "O Anjo Ancorado" (1958) e "O Hospedeiro de Job" (1964), de um livro de contos, "Contos de Azar" (1963), de uma peça de teatro, "O Render dos Heróis" (1960) e de um famosissimo ensaio interpretativo de Camus, "Cartilha do Marialva" (1960). Todos os seus livros vêm sendo sucessivamente traduzidos e agora "O Delfim" o revela em todo o continente, traduzido para o alemão, para o francês, para o espanhol. Como grande escritor português, como Eça de Queirós e Camilo, como Antero e Nobre, como Pessoa e Sá-Carneiro, Cardoso Pires vê seu país como um problema: A "portugalidade" não é um dom, é uma chaga, é uma graça, é um conflito. Conflito não só no tempo, com a Europa, com o mundo, mas no tempo. Conflito resolvido esteticamente que gera "Os Maias", as "Novelas do Amor" a heteronímia de Pessoa, o "Só", o "Canto de Antero e de Sá-Carneiro", o existencialismo de Jaime Cortesão, de Amadeu de Albuquerque, hoje de Maria Helena Vieira da Silva, de Adolfo Casais Monteiro, de António da Silva.

esse conflito que se explicita nas páginas de "O Delfim" através do esfolamento da burocracia agrária lusa graças a uma

moderníssima linguagem e a uma sofisticada técnica narrativa, cujo sentido ludico não escapou à critica européia. Falando recentemente a «La Quinzaine Littéraire», o romancista afirmava: «É exato, há em meu livro um elemento ludico, mas não é predefinido, é apenas consequencia de minha intenção de, em lugar de uma historia, dar um clima, um perfume, uma temperatura de um país. Em consequencia, o importante a meu entender era colocar sempre a ação em questão, e isso na medida que a realidade portuguesa não é mais do que uma abstração. Abstração no sentido de que o tempo em Portugal é abstrato. Nosso tempo nada tem a ver com o dos franceses ou dos ingleses, por exemplo, a hora é mais fluida, não tem a mesma rigidez geografica. Além disso, é um país no qual todo acontecimento objetivo é imediatamente anulado por uma total falta de informação e de um minimo de liberdade civica. É um país mitologico e mitomano.»



JOSÉ CARDOSO PIRES

O romance situa-se em outubro de 1967, a abertura da temporada de caça na aldeia de Gafeira, dominada feudalisticamente pela dinastia dos Palma Bravo, cujo ultimo representante, o jovem engenheiro Tomás Manuel, o Infante, o Delfim, «blazer negro, lenço de seda ao pescoço», até o ano anterior circulava num «Jaguar» e comandava os mastins ferozes. O «narrador» retorna a Gafeira um ano após a primeira temporada, com a intenção de estudar as origens

nebulosas da aldeia que, segundo o velho cronista abacial, se perdem na época da dominação romana. Evoca então a Casa da Lagoa ora abandonada e em ruínas, solar mitico do Palma Bravo no passado.

A estagnação do mundo rural português desenha-se em filigrana através da enucleação do relato: O desaparecimento do Delfim após o suicidio de sua mulher, a bela e misteriosa Maria das Mercês (1938-1966), «a inabitável». Uma noite, ao retornar a casa senhorial após a esbornia costumeira, bebado, o Delfim encontra no leito não Maria das Mercês, mas o criado Domingos, maneta, um mestiço de Cabo Verde, morto. Um pouco mais tarde descobre o cadaver da moça boiando na lagoa. O Delfim foge e a aldeia anexa suas terras. A Ofelia provincial ter-se-á tornado amante de Domingos não só pela solidão mas também por vingança: o criado-de-quarto, legado a Tomás Manuel pelo poder tradicional era-lhe mais importante segundo a hierarquia patriarcal do que sua mulher.

Hospedado na pensão da aldeia, cuja dona desfia conversas intermináveis, o «narrador» articula no romance trinta-e-três fragmentos da pesquisa cujos elementos são os atos e a personalidade dos comparsas da tragedia rural. Os tempos da narrativa se entrelaçam, interpenetrando-se graças à agilidade severa e masculina de uma linguagem sintaticamente nova. Tudo acena à visão historica e social do autor frente à decadência do universo rural de sua patria. Ao fim, «pensa na manhã e espera. Espera. Espera o sono. O sono. Sono...». Esse sono dificilmente virá, já que Portugal, segundo o escritor, vive num clima de insônia permanente.

Aponta-se habitualmente em Cardoso Pires uma influencia sistemática de Hemingway. A intensidade da narrativa, porem, seu ritmo lento e sinuoso, sem falhas, preso a um misterio que não se revela filiam «O Delfim» à linhagem real da novela da lingua portuguesa: Camilo, Eça, Irene Lisboa...

Folha de S. Paulo, 25/7/71